

INVESTIGAÇÃO. OS RISCOS DOS TRATAMENTOS NATURAIS

QUANDO TUDO CORRE MAL COM AS MEDICINAS ALTERNATIVAS

Vera teve de usar fraldas porque deixou os tratamentos e a mãe de Diana morreu com um cancro porque perdeu um ano em sessões de biomagnetismo. Já S. quase ficou paraplégica por causa das idas ao osteopata. Não há provas de que as terapêuticas não convencionais tenham benefícios significativos ou que sirvam para tratar doenças. Pelo contrário: está confirmado que têm riscos e podem mesmo fazer mal à saúde.

Por **Lucília Galha**



Há algum tempo que aquelas sessões tinham deixado de lhe aliviar as dores. Nos últimos meses, S. tinha mesmo aumentado a frequência das massagens – para uma vez por semana – porque estava cada vez pior. Até ao dia em que depois de estar com o terapeuta deixou de sentir as pernas e de conseguir andar. Resultado: teve de ser operada de urgência. Na verdade, as visitas ao osteopata quase a deixaram paraplégica.

S., de 42 anos, nunca se conformou com o diagnóstico que recebeu há sete anos. Trabalhava num armazém a transportar caixas numa empilhadora quando começou a sentir uma dor na perna direita. Era tão forte que não a conseguia esticar. “Mesmo de pé, tinha de ter a perna fletida”, recorda a prima, Sara, que contou a história à **SÁBADO**. Na altura atribuiu a lesão ao trabalho. Contudo, quando foi ao hospital disseram-lhe que tinha uma hérnia e que teria de deixar de fazer esforços para não sobrecarregar a coluna. “Ela não quis parar, manteve o trabalho e procurou um osteopata”, recorda a familiar.

De início, S. sentiu-se melhor. A dor desapareceu com as sessões. “Avisei-a de que aquilo era uma máscara, que as manipulações do osteopata estavam só a disfarçar os sintomas e que iria piorar, mas ela não me ouviu”, conta Sara. S. passou um ano a ir ao osteopata, mas as melhorias foram passageiras. Até àquele dia em que deixou de sentir as pernas. Nunca atribuiu o que a aconteceu àquelas intervenções mas, se não tivesse ido naquele momento para o hospital, talvez a situação já não fosse reversível. “O osteopata não lhe deu tempo, provavelmente até lho tirou”, acredita a familiar. Depois de operada à coluna, recuperou a mobilidade.

Casos semelhantes aparecem com alguma frequência ao fisioterapeuta Bernardo Pinto. “Cerca de 10 a 15% são pessoas que vêm das terapias alternativas”, diz à **SÁBADO**. As situações mais comuns são as de dores nas costas. “Muitas vezes, o que estes terapeutas fazem é aliviar o sintoma



► Vera Gomes foi convencida de que podia controlar a doença só com a alimentação. Ficou com uma anemia e teve de usar fraldas

RICARDO MEIRELES

Manifesto

Em março foi entregue um manifesto no parlamento contra a integração das terapêuticas alternativas no SNS

“OS OSTEOPATAS ALIVIAM O SINTOMA E NÃO RESOLVEM O PROBLEMA”, DIZ O FISIOTERAPEUTA BERNARDO PINTO

e não resolvem o problema. Depois, como as pessoas ficam dependentes das manipulações estão mais expostas ao risco e à dor crónica”, explica o profissional. “Também é dada a ideia de que determinadas estruturas saem do sítio e há necessidade de as recolocar, quase como se a nossa anatomia se tratasse de um lego. Obviamente, isto não é plausível.”

O caso mais grave que o profissional de saúde acompanhou foi o de uma rapariga de 14 anos, que praticava balé e fez uma entorse. “Os pais procuraram um osteopata e ela já estava em sofrimento há algum tempo. Chegou a ponderar deixar aquela atividade mas, felizmente, depois de um incidente na escola foi assistida por um colega meu, que depois a encaminhou para mim”, recorda.

A médica anestesiológica Susana Garcia Vargas também já acompanhou algumas situações de hérnias

disciais agravadas pela manipulação deste tipo de terapeutas. “Há várias pessoas que chegam ao hospital para serem operadas, porque o disco saiu do sítio e ficou numa raiz nervosa”, diz. O risco são as lesões neurológicas, como paralisia ou sensação de dormência nos membros inferiores.

Estes são apenas alguns dos casos com que os médicos portugueses se têm deparado devido à cada vez maior procura de alternativas à medicina tradicional. Terapêuticas não convencionais que prometem curas sem que existam quaisquer estudos que demonstrem benefícios significativos, de acordo com a Biblioteca Cochrane. Em alguns casos, como a fitoterapia, até há evidência de dano – as plantas têm substâncias ativas e são, por definição, perigosas. A organização internacional, que se dedica a fazer revisões independentes na área médica, tem mais de 100 proto-

O que pode acontecer?

Os perigos de cada uma das sete terapêuticas legisladas

Acupunctura Há risco de infeções, hemorragias, lesões na coluna, **pneumotórax (já houve pelo menos dois casos)**

Fitoterapia As plantas podem ser perigosas e **interagir com a medicação**. A erva-bicha tem substâncias cancerígenas

Homeopatia O maior perigo é **adiar o tratamento** de doenças que se podem agravar

Medicina Tradicional Chinesa A ventosaterapia pode causar irritação cutânea e a moxibustão, **queimaduras**

Naturopatia Pode atrasar o **diagnóstico** e o tratamento de doenças graves

Osteopatia Lesões neurológicas, como **paralisia ou dor-mência** nos membros inferiores

Quiropraxia O risco de AVC pela manipulação do pescoço. **Há casos de morte**, como a do modelo Katie May, em 2016

colos e revisões sistemáticas sobre este tipo de intervenções. “Mas, mesmo aquelas que são inócuas podem levar ao atraso da procura de tratamentos eficazes”, alerta João Júlio Cerqueira, especialista em Medicina Geral e Familiar.

O especialista admite que o reiki, a osteopatia ou a acupunctura possam ser usados para controlar a dor, “principalmente aquela com uma componente psicológica importante”, e até possam ser consideradas “terapias de bem-estar”. “Mas nunca como modelos de tratamento ou controlo de doenças”, sublinha.

A pior consequência é a morte

Como quis acreditar Vera Gomes, 39 anos, que, diagnosticada em 2007 com uma doença inflamatória do intestino, chamada colite ulcerosa, se convenceu (e foi convencida) de que era possível tratar-se só com a alimentação – e mais umas ajudas. Ao fim de um ano de tratamento, sem ver melhorias – tinha então 27 anos, estava em sofrimento constante, não dormia porque ia à casa de banho de 30 em 30 minutos, e custava-lhe aceitar que não houvesse cura –, decidiu procurar alternativas. “O desespero deixou-me vulnerável”, admite à SÁBADO.

Durante três anos, experimentou várias terapêuticas não convencionais. “Fui a uma pessoa altamente recomendada que acumulava a naturopatia, a medicina tradicional chi-

ESTUDO PUBLICADO EM 2018 DIZ QUE QUEM RECORRE ÀS TERAPIAS TEM UMA MORTALIDADE DUAS VEZES SUPERIOR

2018 Instituída

a licenciatura de Medicina Tradicional Chinesa, através de uma portaria dos Ministérios da Saúde e Ciência e Ensino Superior



Agulhas

Uma mulher de 79 anos foi assistida em Lisboa com o colapso de um pulmão depois de uma sessão de acupunctura

COM ESTAS TERAPIAS, OS DOENTES DE CANCRO TÊM TENDÊNCIA A ATRASAR OS TRATAMENTOS QUE SALVAM VIDAS

nesa e a reflexologia. Garantiu que me punha impecável se seguisse o tratamento à risca”, recorda. Incluía: consultas semanais de 30 euros, com sessões de acupunctura, xaropes que chegavam a custar 100 euros e uma dieta radical – tão restritiva que lhe provocou, ao fim de um ano, uma anemia, por falta de vitamina B12. À medida que se sentia melhor, e aconselhada pelo terapeuta das alternativas, foi deixando de tomar a medicação para a sua doença. Mas, em outubro de 2015, teve a pior crise de sempre: com espasmos intestinais tão fortes que urinava involuntariamente e um coágulo de sangue que, durante um ano, a impediu de se sentar direita ou de vestir calças justas. Até começou a usar fraldas porque ficou incontinente.

Só em agosto de 2016, Vera Gomes, que agora vive em Bruxelas, e trabalha na área de sistemas de navegação de satélite, se aperceberia da gravidade da situação. “Estás há muito tempo sem tratamento adequado”, disse-lhe o gastroenterologista, que nunca soube que ela procurou as alternativas. Descobriu, nessa altura, que tinha uma bactéria no estômago e também uma calcificação nos ossos. “A ausência de tratamento fez com que a doença se tornasse mais sorrateira e severa”, explica.

Mas as consequências do uso destas terapias podem ser ainda piores do que agravar uma doença. “Podem resultar na morte”, diz o médico João Júlio Cerqueira, que é também criador do blogue de divulgação científica *Scimed*, onde combate a pseudociência. Segundo um estudo publicado o ano passado na revista científica *JAMA Oncology* – e que contou com quase dois milhões de pacientes –, os doentes oncológicos que recorrem às terapias alternativas em complemento dos tratamentos têm uma mortalidade duas vezes superior aos que recorrem só à medicina convencional. Razão: “Tendem a recusar com frequência os tratamentos, quimioterapia, radioterapia e hormonoterapia, que sabemos que salvam vidas”, alerta o especialista.

Tal como aconteceu com a mãe de Diana Barbosa, que teve um cancro do cólon e só o descobriu quando



A mãe de Diana Barbosa (na foto) perdeu tempo com as terapias alternativas: só descobriu o cancro quando já estava espalhado

► já estava metastizado e havia pouco a fazer. Trabalhava como técnica geriátrica e tinha um historial de dor nas costas por causa do esforço físico. “A certa altura, começou a perder peso e a queixar-se mais das dores. Atribuímos ao cansaço, insistimos que procurasse um médico, mas ela não quis”, conta a filha, que é presidente da Comunidade Céptica Portuguesa (Comcept), um grupo que denuncia os abusos da pseudociência.

Preferiu procurar as terapêuticas não convencionais: começou por fazer umas massagens e depois sessões de biomagnetismo (uma técnica que aplica ímanes sobre pontos terapêuticos). Diana, 42 anos, tentou alertar a mãe, mas ela não quis ouvir. “Disse-me que gostava muito dele [do terapeuta com quem fazia as sessões]. ‘Ele é simpático, atencioso e atende-me fora de horas. E tem muitos diplomas na parede’”, recorda. Perdeu um ano com aquelas sessões. Um dia, no princípio do verão de 2014, acordou a sentir-se mal e com vômitos. No Hospital de São João, no Porto, diagnosticaram-lhe uma massa grande na zona abdominal. Chegou a ser operada e a fazer tratamentos, mas o cancro metastizou.

Morreu em agosto de 2015. “Não posso dizer que a culpa foi daquelas terapias. Ela não ia ao médico de família e, aos 61 anos, nunca tinha feito uma colonoscopia”, diz Diana Barbosa. “Mas, quer seja por inação do terapeuta, ou por ela achar que não precisava de tratamento, tudo contribuiu para o resultado final”, acredita.

A tentação da magia

Portugal está em contraciclo em relação ao resto da Europa – as terapêuticas não convencionais saíram reforçadas na nova Lei de Bases da Saúde, que atribui a sua “credenciação, tutela e fiscalização” ao Ministério da Saúde. Já nos outros países tem havido recuos. Por exemplo, França vai deixar de compartilhar os produtos homeopáticos até 2021, por falta de provas da sua eficácia. Naquele país, estes produtos são consumidos por cerca de 7 milhões de pessoas e, só no ano passado, faturaram 620 milhões de euros. Em Espanha, o governo também lançou



▶ Pessoas com doenças crónicas são as que mais recorrem a estas terapias

GETTY IMAGES

uma campanha contra as pseudociências na saúde – um inquérito feito em 2018, pela Fundação Espanhola para a Ciência e Tecnologia, concluiu que um em cada 20 espanhóis admitia abandonar os tratamentos para tomar os produtos homeopáticos. E até na Alemanha, o país de origem da homeopatia, uma organização que representa mais de 150 mil médicos defende que o país siga o exemplo francês.

As sete terapêuticas não convencionais contempladas pela legislação portuguesa são a acupunctura, a fitoterapia, a homeopatia, a medicina tradicional chinesa, a naturopatia, a osteopatia e a quiropraxia. A primeira lei data de 2003, mas a regulamentação demorou 10 anos a acontecer. A Ordem dos Médicos opôs-se desde o início, “por falta de base científica”, diz à **SÁBADO** o antigo bastonário, Germano de Sousa, que na época, e devido às suas intervenções públicas contra a publicação da lei, recebeu várias ameaças. “Dispararam um tiro contra uma janela da

GERMANO DE SOUSA FOI AMEAÇADO POR SER CONTRA A INCLUSÃO DAS TERAPIAS ALTERNATIVAS NA LEI



Infarmed

Em Portugal, os medicamentos homeopáticos não são participados, mas a sua regulação depende do Infarmed

minha casa, e também recebi uma carta cheia de pó branco – estávamos naquela altura em que se falava muito de antraz”, recorda.

O que explica que haja tanta gente a aderir, e muitas vezes a confiar cegamente neste tipo de terapias, não é linear. “Durante muitos anos explicámos o mundo através de explicações mágicas, a trovoada, por exemplo, era a cólera de Deus. Isso implica que tenhamos grandes dificuldades em compreender os fenómenos científicos e revertermos para explicações simples uma realidade que é complexa”, diz António Vaz Carneiro, diretor do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência.

O conceito de medicina baseada na evidência surgiu só na década de 90 e basta recuar 100 anos para ver médicos a receitar plantas medicinais, ou a usar as sangrias e as purgas como tratamentos. “O primeiro Presidente dos Estados Unidos, George Washington, morreu de uma sangria. Teve uma amigdalite e decidiu que queria ser sangrado – violentamente sangrado. Tiraram-lhe quatro litros de sangue e ele morreu”, conta Nuno Miranda, médico hematologista do IPO de Lisboa.

“As crendices sempre existiram: a minha mãe punha-me um pelo na



▶ Miguel Guimarães: a Ordem dos Médicos considera que as terapêuticas não convencionais não têm base científica

TIAGO PETINGA/LUSA

O médico João Júlio Cerqueira tem um blogue onde desmonta a pseudociência



RICARDO MEIRELES

Médicos-“terapeutas”

Pode ser uma questão de fé ou por razões económicas

“Os médicos estão sujeitos aos mesmos vieses cognitivos que as outras pessoas”, diz João Júlio Cerqueira. Também há quem o faça por razões económicas. “Metade dos médicos de Medicina Geral e Familiar da Áustria têm no consultório uma secção de terapias alternativas – onde **recebem cinco vezes mais**”, diz António Vaz Carneiro.

testa quando eu me engasgava”, conta uma enfermeira dos Cuidados de Saúde Primários da zona de Lisboa. “Mas, agora, há pessoas que estão a fazer dinheiro com isso”, diz. Que o diga Sofia Santos, 37 anos, doente de Crohn (uma doença inflamatória crónica do intestino) que, durante dois anos, experimentou várias terapêuticas não convencionais. Nada resultou: deixou agravar a doença e gastou muito dinheiro.

A rececionista de uma clínica de medicina dentária tem uma filha de 10 anos. Nos primeiros tempos, mal conseguiu tratar dela: “Muitas vezes nem conseguia tomar banho, ou estava deitada ou na casa de banho”, recorda. Experimentou reiki, acupunctura e também foi a um homeopata. “Lembro-me de que, na primeira consulta, gastei logo 250 euros em produtos prescritos por ele”, diz. Um dos xaropes ainda a deixou pior do intestino. “Só o tomei durante 15 dias. Ainda insisti porque pensei que estava a limpar o organismo”, recorda.

Também chegou a fazer uma cura reconectiva (uma terapia que usa a energia como tratamento): 50 euros por sessão, um mínimo de quatro. “Depois das sessões sentia-me melhor mas, passadas umas horas, estava tudo na mesma”, lembra.

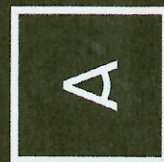
Só depois de três cirurgias, e de um tratamento médico que faz de cinco em cinco semanas por via endovenosa, Sofia Santos começou finalmente a ter resultados. Apesar de um atestado de incapacidade de 81% (e de ter estado dois anos e meio de baixa), voltou a trabalhar a tempo inteiro em junho. “Tenho uma vida quase normal, coisa que nunca consegui com as terapias.”

A antiguidade não é garantia

Um dos maiores apelativos das terapêuticas não convencionais é a duração das consultas. “É uma coisa que nós não conseguimos igualar, porque nos obrigam a ver pessoas de 10 em 10 minutos”, diz o especialista em Medicina Interna António Vaz Carneiro. Além disso, “tanto a ciência como a medicina não lidam com certezas, mas com probabilidades. Assim, é compreensível que os pacientes prefiram um terapeuta que os oiça com tempo e lhes apresente um diagnóstico com certezas”, diz João Lourenço Monteiro, doutorado em História da Ciência e que também faz parte da Comcept.

Terá sido por essa razão que Pedro (nome fictício), 26 anos, doente esquizofrénico, abandonou os tratamentos. “Filho único de um casal alentejano, começou a ser seguido por mim depois de um surto psicótico”, conta a psiquiatra de um hospital público de Lisboa. “Vinha fazer uma injeção uma vez por mês e reagia muito bem à medicação. Conseguiu terminar o 12º ano e fez um curso de Matemáticas Aplicadas à Computação. Adorava computadores.”

Até que, uns anos mais tarde, conheceu uma pessoa das terapias alternativas através da Internet, que o aconselhou a recusar o tratamento e a tomar uns chás e uns xaropes. “Provavelmente, disse-lhe o que ele queria ouvir. A medicação provocava-lhe alguma disfunção sexual e penso que ela o conseguiu con-



ARTVIEW
ART ADVISORY

COMPRA ARTE

Compro pintura portuguesa e estrangeira de artistas consagrados, pagamento a pronto, máximo sigilo.

Rua Pinheiro Chagas,
44 A, Lisboa

TM: 934 258 447

Email:

info@artview.pt



ARTVIEW.PT

Destaque

MICHAELA NETO



“vencer por ar”, acredita a especialista. Pedro piorou bastante. “Das últimas vezes que estive na consulta, deixou de tomar banho, tinha o cabelo nos olhos e a doença descompensada”, recorda. Já não conseguiu que ele voltasse atrás.

Apesar dos vários relatos que a **SÁBADO** recolheu, os praticantes das terapêuticas não convencionais dizem promover “a complementaridade entre as duas medicinas, ao contrário de abandonar uma em favor da outra”, diz Pedro Choy, presidente da Associação Portuguesa dos Profissionais de Acupuntura, Fitoterapia e Medicina Tradicional Chinesa (APAMTC). Além de que, sublinham: “Nenhum médico ou outro profissional de saúde certificado poderá recomendar a um paciente que deixe de seguir um tratamento convencional, em especial quando se refere a doenças graves”, diz Hélio Pereira, coordenador da Academia Internacional de Homeopatia Integrativa.

Já em relação à alegada falta de base científica reclamam que se tenha em consideração também a evidência histórica e a tradicional. “A

evidência histórica refere-se ao contexto cultural do uso destas terapêuticas por mais de três gerações; a tradicional refere-se ao uso de uma substância, utilizada como terapia por mais de três gerações; e a científica à eficiência de uma intervenção para alcançar um resultado que tenha impacto duradouro na saúde das populações”, escreve a APAMTC.

Quando há integração

As terapêuticas estão cada vez mais presentes nos hospitais

A acupuntura é praticada em 70% das unidades da dor do Serviço Nacional de Saúde. Também já há vários hospitais nacionais que disponibilizam a osteopatia e o reiki. E, no Porto, há um centro, o **Mama Help, para pacientes com cancro da mama**, dirigido por médicos oncologistas que integra o reiki, a acupuntura e a ginástica chinesa.



O médico António Vaz Carneiro não concorda que se desviem recursos da Saúde para este tipo de terapêuticas

3.218
pessoas

receberam a cédula profissional para praticar estas terapêuticas. Desde 2013 que a Administração Central do Sistema de Saúde tem esta função



Bem-estar

A maioria dos profissionais de saúde defende que as terapias alternativas devem ser tratadas como práticas de bem-estar

“REGRESSAR ÀS ORIGENS SIGNIFICA PERDER 70 ANOS DE ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA”, DIZ NUNO MIRANDA

Contudo, a longevidade de uma prática não é garantia de segurança, nem de eficácia. “Temos de perceber uma coisa: regressar às origens significa perder 70 anos de esperança média de vida e aumentar a mortalidade infantil”, alerta Nuno Miranda. Além de que, escolher um tratamento com base na experiência pessoal (“resultou com a minha tia, vai resultar contigo”), ou na tradição, pode induzir em erro. “Se estivermos demasiado investidos num tratamento, como os médicos estiveram em relação às sangrias, temos tendência para nos convencermos de que qualquer sinal, como a melhoria rápida dos sintomas, é uma prova da eficácia do tratamento”, pode ler-se no livro *Não Se Deixe Enganar*, escrito pelos colaboradores da Comcept.

Porque é que Steve Jobs morreu?

Foi o apelo da antiguidade que levou Vítor Oliveira, 37 anos, a dedicar quase 10 anos da sua vida à prática das terapêuticas não convencionais. Nomeadamente, ao Shiatsu. E até a acreditar que podia curar o autismo do filho através da homeopatia. “Achava aquilo magnífico e pensava: ‘Se se usa há cinco mil anos, então deve ser bom’”, diz à **SÁBADO**. Fez dois cursos de Shiatsu, uma técnica que combina massagem à aplicação de pressão e, mais tarde, abriu com a namorada um centro de terapias complementares. Ela tinha um curso de massagem de recuperação desportiva do Instituto de Medicina Tradicional Chinesa e usava medicamentos homeopáticos e ervas.

A descrença nas terapias complementares foi gradual. Depois de participar num *workshop* de ventosaterapia (utilização de ventosas para melhorar a circulação sanguínea), Vítor Oliveira sentiu-se desconfortável. “Num fim de semana fiquei habilitado a praticar, mas aquilo pode ser perigoso. Se aplicarmos mal as ventosas, fica uma marca negra”, conta. Pesquisou e apercebeu-se de que não havia informação sólida. Não só sobre aquela, como sobre todas as outras técnicas. “Já tinha feito um curso com compressas de gengibre e o discurso era sempre estranho. Ha-

via vantagens para uma série de doenças: diminuía as dores musculares, mas também fazia descongestionamento respiratório”, recorda.

Esse é um dos sinais de alerta, diz António Vaz Carneiro: “A lógica da biologia celular não permite que uma mesma intervenção para um desarranjo celular, seja ele qual for, se aplique aos outros. Um medicamento para o cancro não trata a dor de cabeça. Aquilo que sabemos sobre o corpo humano vai ao arrepio disso.”

Vítor começou a sentir-se mal com o que fazia – “prescrevia tratamentos como se fosse um médico” – e a discutir com a namorada. A clínica acabou por fechar e ele separou-se. Arrepende-se do tempo e do dinheiro (quase 4 mil euros) que desperdiçou; e também perdeu alguns amigos. Agora, tem um canal no YouTube onde tenta desmontar mitos associados a estas terapias:



Há 9 940 registos de medicamentos homeopáticos no Infarmed

SERGIO LEMOS

“Admito que as massagens podem reduzir o stress, a tensão e até regular o sono, mas não tem a ver com energias. É o contacto e o trabalho dos tecidos musculares.”

Ao contrário do que se possa pensar, não são as classes baixas que mais recorrem às terapêuticas não convencionais. “São as mulheres de meia-idade, com educação superior e algum poder económico”, diz o médico João Júlio Cerqueira. “Pes-

AS MULHERES COM EDUCAÇÃO SUPERIOR E PODER ECONÓMICO SÃO AS QUE MAIS RECORREM A ESTAS TERAPÊUTICAS

soas com patologias crónicas e descontentes com o sistema de saúde”, acrescenta António Vaz Carneiro.

O caso mais emblemático terá sido o de Steve Jobs, fundador da Apple, que teve um cancro no pâncreas. “Era um carcinoma neuroendócrino pequeno, que se tratava cirurgicamente. Mas ele recusou a cirurgia e andou a tratar-se com ervas, terapias alternativas e ioga. Quando quis ser operado, já era tarde. O cancro metastizou e ele morreu”, diz.

Como é que uma pessoa como ele se deixou subverter? “Porque era conveniente”, diz o hematologista Nuno Miranda. Explica: “Há uma medida matemática que se chama esperança, que é inversamente proporcional à probabilidade de ocorrer e ao lucro. A esperança que um tratamento destes funcione é muito grande, porque o lucro é total. As pessoas perdem a razoabilidade.”

NO COMPARAR É QUE ESTÁ O GANHO

WWW.DECO.PROTESTE.PT

telemóveis

TELEVISORES

Colchões

ESCOLHAS DE CONFIANÇA
AOS MELHORES PREÇOS